

A ÉTICA FILOSÓFICA DE PADRE H. C. LIMA VAZ, SJ

Elton Vitoriano Ribeiro, SJ.

Doutor em Filosofia pela *Pontificia Università Gregoriana* de Roma. Professor de Filosofia da FAJE (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte, MG).
E-mail: eltonvitoriano@gmail.com

Resumo: Neste artigo meu objetivo será o de uma reflexão filosófica sobre o *ethos* como ponto de partida da construção da arquitetônica do pensamento ético-filosófico de Lima Vaz. Ressaltarei em grandes linhas os tópicos principais de uma fenomenologia do *ethos*, da construção de uma ciência do *ethos* e da estruturação do campo ético. As questões aqui apresentadas são de grande importância para a compreensão da fenomenologia do *ethos* e do universo ético-filosófico no qual Lima Vaz constrói seu pensamento.

Palavras-chave: Ética. Filosofia prática. Fenomenologia do *ethos*. Lima Vaz.

Abstract: In this article my goal will be to a philosophical reflection on the *ethos* as the starting point of the construction of architectural ethical-philosophical thought of Lima Vaz. I will demonstrate in outline the main topics of a phenomenology of the *ethos*, the construction of a science of *ethos* and structure of the ethical field. The questions presented here are important for understanding the phenomenology of *ethos* and ethical-philosophical universe in which Lima Vaz builds his thinking.

Keywords: Ethics. Practical philosophy. Phenomenology of *ethos*. Lima Vaz.

Resumen: En este artículo mi objetivo será el de una reflexión filosófica sobre el *ethos* como un punto de partida de la construcción arquitectónica del pensamiento ético-filosófico de Lima Vaz. Yo pondré de relieve los principales temas de una fenomenología del *ethos*, la construcción de una ciencia del *ethos* y la estructura del campo ético. Las preguntas que se presentan aquí son de gran importancia

para la comprensión de la fenomenología del *ethos* y del universo ético-filosófico en el que Lima Vaz construye su pensamiento.

Palabras clave: Ética. La filosofía práctica. Fenomenología del *ethos*. Lima Vaz.

Sommario: In questo articolo il mio obiettivo sarà quello di una riflessione filosofica sull'*ethos* come punto di partenza di una costruzione architettonica del pensiero etico-filosofico di Lima Vaz. Io evidenzierò a grandi linee i principali argomenti di una fenomenologia dell'*ethos*, la costruzione di una scienza dell'*ethos* e della struttura del campo etico. Le domande qui presentati sono di grande importanza per comprendere la fenomenologia dell'*ethos* e l'universo etico-filosofico in cui Lima Vaz costruisce il vostro pensiero.

Parole chiave: Etica. Filosofia pratica. Fenomenologia dell'*ethos*. Lima Vaz.

Résumé: Dans cet article, mon objectif sera d'une réflexion philosophique sur l'*éthos* en tant que point de départ de la construction architecturale de la pensée éthico-philosophique de Lima Vaz. Je mettrai en surbrillance dans les grandes lignes les principaux sujets d'une phénoménologie de l'*éthos*, la construction d'une science de l'*éthos* et de la structure du domaine de l'éthique. Les questions présentées ici sont d'une grande importance pour la compréhension de la phénoménologie de l'*éthos* et de l'univers éthico-philosophique dans lequel Lima Vaz construit votre pensée.

Mots-clés: Éthique. La philosophie pratique. Phénoménologie de l'*éthos*. Lima Vaz.

Qualquer espectador de nossa sociedade, por mais desatento que for, facilmente perceberá que atualmente fala-se muito sobre ética. Discute-se ética na política, ética na economia, a bioética, a ética nas ciências, na pesquisa e investigação científica, a ética médica, a ética nas práticas psicológicas e na psicanálise, a ética no direito, a ética nas organizações, a ética na educação, a ética nas relações interpessoais e amorosas, etc. A palavra ética, sem dúvida, penetrou de tal modo o vocabulário corrente a partir de meados dos anos 80¹, que o termo ética tornou-se emblema simbólico de uma nova época e de uma nova sensibilidade que levará Lima Vaz² a caracterizar a nossa época como a idade da ética.

Por outro lado, uma das manifestações mais características da cultura de nossa época³, segundo Lima Vaz, é uma aparentemente incontrolável deterioração semântica a que estão, cada vez mais, submetidos alguns dos termos mais representativos da nossa linguagem tradicional. Lançados no confuso jargão dos meios de comunicação, e sem que a maioria de seus usuários tenha a menor possibilidade de defini-los com um mínimo de rigor, alguns termos acabam por não significar coisa alguma, servindo tão somente para dar aparência de respeitabilidade a certos discursos. Um caso exemplar desse esvaziamento semântico acontece com o termo ética. Sem dúvida alguma, este termo é um dos mais difundidos e utilizados na nossa

¹ Sobre a transformação cultural das sociedades ocidentais a partir das matrizes desenvolvimento, cultura e ética, ver a introdução do artigo *Ética e Razão Moderna*. Neste tópico Lima Vaz desenvolve a ideia de que: "Desenvolvimento, Cultura e Ética: três termos, três conceitos, três matrizes de pensamento e linguagem que vêm caracterizando os estágios vividos pelo mundo ocidental no último meio século, mas é curioso observar que a sucessão desses três conceitos obedece exatamente à lógica interna que conduziu nesse período a trajetória histórica do Ocidente e, na sua esteira, a de todo o mundo contemporâneo". LIMA VAZ, H. C. Ética e razão moderna. *Revista Síntese*. Belo Horizonte, n.68, 1995, p.55.

² Considerado um dos maiores filósofos do Brasil, Padre Henrique Cláudio de Lima Vaz SJ, nasceu no Brasil em 24 de agosto de 1921. Entrou para a Companhia de Jesus em 28 de março de 1938. Fez seus estudos filosóficos no antigo escolástico dos jesuítas no Brasil. Terminado seu curso de filosofia foi enviado a Roma em 1945 para estudar teologia na Pontifícia Universidade Gregoriana. Obteve em 1953 o doutorado em Filosofia pela Universidade Gregoriana com a tese *De dialectica et Contemplatione in Platonis Dialogis*, que versou sobre a dialética e a intuição nos diálogos platônicos da maturidade. Voltando ao Brasil trabalhou no magistério filosófico universitário durante quase 50 anos. Sobre o percurso intelectual de Lima Vaz ver: RIBEIRO, E. P. Henrique Cláudio de Lima Vaz SJ. - Uma vita al servizio del pensiero. *La Civiltà Cattolica*. Roma, q.3900, p.577-586, 15 dicembre 2012. MAC DOWELL, J. O pensamento de Padre Lima Vaz no contexto da filosofia contemporânea no Brasil. *Revista Portuguesa de Filosofia*. Braga. p.231-245, 2011.

³ LIMA VAZ, H. C. *Experiência mística e filosofia na tradição ocidental*. São Paulo: Loyola, 2000, p.9.

linguagem contemporânea. Por isso, meu objetivo será o de uma reflexão filosófica sobre o *ethos* como ponto de partida da construção da arquitetônica do pensamento ético-filosófico de Lima Vaz. Ressaltarei em grandes linhas os tópicos principais de uma fenomenologia do *ethos*, da construção de uma ciência do *ethos* e da estruturação do campo ético. As questões aqui apresentadas são de primeiríssima importância para a compreensão do universo ético-filosófico no qual Lima Vaz constrói seu pensamento.

1. FENOMENOLOGIA DO *ETHOS*

Para iniciar, será de grande valia buscar a etimologia da palavra ética. Faço isso porque ao buscar a etimologia, vai-se ao encontro da palavra na sua plenitude original onde se encontra a força elementar das palavras originárias. Ora, o termo ética, do ponto de vista etimológico, nos remete ao vocábulo grego *ethos*. Segundo Lima Vaz, em grego o vocábulo *ethos* possui duas acepções originais. Escreve-se *ethos* com *eta* inicial, ou *ethos* com *épsilon* inicial.

Ethos (com *eta* inicial), designa o “abrigo do animal em geral” e a “morada do homem”⁴. O termo designa primeiramente o lugar onde os animais viviam e, depois, passou também a designar a casa do homem. Assim, “o *ethos* é a casa do homem”⁵. Como casa do homem o *ethos* quer significar um lugar de estada permanente e habitual, um abrigo protetor onde o homem pode descansar, estar sossegado, estar no seu lugar. Esta metáfora da morada e do abrigo seguro é que vai indicar, propriamente, a partir do *ethos*, o espaço do mundo habitável pelo homem. Este espaço, espaço do *ethos*, não é dado ao homem, mas é por ele constantemente construído. É esta raiz semântica que dará origem à significação do *ethos* como costume.

Aqui tenho um elemento importante para a construção da arquitetônica ética, assim como Lima Vaz a concebe, a saber, o *ethos* como costume é abrigo

⁴ LIMA VAZ, H.C. *Escritos de Filosofia II: Ética e cultura*. São Paulo: Loyola, 1992, p.12.

⁵ *Ibid.*, p.12.

protetor, ou seja, lugar de estada permanente e habitual do homem. Desta forma, o espaço da *physis* (da natureza, do reino das necessidades) é rompido pela abertura do espaço humano do *ethos* no qual irão inscrever-se os costumes, os hábitos, as normas e interditos, os valores e as ações. Desta maneira:

O ethos é a morada do animal e passa a ser a casa (oikos) do ser humano, não já a casa material que lhe proporciona fisicamente abrigo e proteção, mas a casa simbólica que o acolhe espiritualmente e da qual irradia para a própria casa material uma significação propriamente humana, entretecida por relações afetivas, éticas e mesmo estéticas, que ultrapassam suas finalidades puramente utilitárias e a integram plenamente no plano humano da cultura⁶.

Por outro lado, *ethos* (com *épsilon* inicial) diz respeito ao comportamento humano que é resultado de um constante repetir os mesmos atos, formando assim, o que chamamos de hábito. Esse *ethos*-hábito é aquilo que ocorre frequentemente ou quase sempre, mas não sempre e nem em virtude de uma necessidade natural. Assim, *ethos* (com *épsilon* inicial) significa uma constância no agir que se contrapõe ao simples impulso do desejo. Essa maneira de agir do indivíduo, que para Lima Vaz formará a personalidade ética, deverá traduzir a “articulação entre o *ethos* como caráter e o *ethos* como hábito”⁷. Portanto, o *ethos*-hábito é o “processo genético do hábito ou da disposição habitual para agir de certa maneira”⁸. Finalmente, “o *ethos* se desdobra como espaço de realização do homem, ou ainda como lugar privilegiado de inscrição da sua práxis”⁹.

Ainda vale a pena recordar que é comum atualmente encontrarmos autores que dão significados diferentes aos termos ética e moral¹⁰ tentando exprimir aspectos diferentes da conduta humana. Assim, o aspecto

⁶ LIMA VAZ, H.C. *Escritos de Filosofia IV: Introdução à Ética filosófica I*. São Paulo: Loyola, 1999, p.39.

⁷ Id. *Escritos de Filosofia II: Ética e cultura*, p.14.

⁸ Ibid., p.14.

⁹ Ibid., p.15.

¹⁰ RICOEUR, P. *Em torno do político*. São Paulo: Loyola, 1995, p.161-173.

individual estaria ligado a moral e o aspecto social estaria ligado a ética. Mas, etimologicamente, os termos ética e moral são sinônimos. Ora, se o termo ética procede do substantivo *ethos* que significa costumes, hábito, o termo moral tem sua raiz no substantivo *mos (mores)* que corresponde ao grego *ethos*. Aqui eu seguirei a proposta de Lima Vaz que não faz este tipo de diferenciação¹¹. Mais adiante, mostrarei que a diferenciação proposta por Lima Vaz é entre as categorias de objetivo, subjetivo e intersubjetivo; seja no agir ético, seja na vida ética, por sua vez, relacionadas dialeticamente com a personalidade moral¹².

2. A CIRCULARIDADE DIALÉTICA DO *ETHOS*

Toda análise anterior a respeito do *ethos* vai desembocar numa perfeita relação de circularidade dialética, onde se descreve a maneira pela qual se faz presente em nossas vidas toda a significação do *ethos*. Lima Vaz vai descrever da seguinte forma esta circularidade. O *ethos* como costume, ou na sua realização histórico-social, é princípio e norma dos atos que irão plasmar o *ethos* como hábito. Desta forma, existe uma circularidade: o costume é fonte das ações tidas como éticas e a repetição destas ações acaba por plasmar os hábitos.

Nesta circularidade, a práxis é mediadora entre os momentos constitutivos do *ethos* como costume e hábito. Há um ir e vir que descreve um círculo dialético. A práxis ou ação ética procede do *ethos* como seu princípio objetivo, como costumes de determinado grupo humano. Depois, esta mesma práxis retorna como seu fim na forma de hábitos ou de um existir virtuoso: “a universalidade abstrata do *ethos* como costume inscreve-se na particularidade da práxis como vontade subjetiva, e é universalidade concreta ou singularidade do sujeito ético no *ethos* como hábito ou virtude”¹³. Desta circularidade do *ethos* nas suas duas acepções de costumes

¹¹ LIMA VAZ, H.C. *Escritos de Filosofia V: Introdução à Ética filosófica II*. São Paulo: Loyola, 2000, p.11-12.

¹² OLIVEIRA, C. M. *Metafísica e ética: a filosofia da pessoa em Lima Vaz como resposta ao niilismo contemporâneo*. (Coleção Estudos Vazianos). São Paulo: Loyola, 2013, p. 141-280.

¹³ LIMA VAZ, H.C. *Escritos de Filosofia II: Ética e cultura*, p.15.

e hábitos, facilmente é possível conceber uma estrutura dual do termo *ethos*, a saber, individual e social. Ora, a falta de atenção a uma destas duas acepções será, segundo entendo, fonte de desavenças e desentendimentos entre os indivíduos participantes de um mesmo *ethos*, com suas trágicas consequências, tanto para os indivíduos quanto para a sociedade.

Como ensina Lima Vaz, o *ethos* de determinada comunidade humana, poderíamos dizer, é constitutivamente tradicional¹⁴. A bem da verdade, o ser humano não conseguiria refazer continuamente essa sua morada espiritual. Desta forma, o *ethos* é o legado mais precioso que as gerações se transmitem ao longo dos anos. Por isso, Lima Vaz vai nos dizer que: "como a casa material deve ser construída sobre pétreos fundamentos para permanecer de pé e durar, assim o *ethos* dos diversos grupos humanos manifesta uma extraordinária capacidade de resistir à usura do tempo e às mudanças advindas de tradições estranhas"¹⁵. Portanto, a forma de existência histórica do *ethos* é a tradição ética. A tradição é que sustenta e garante a permanência desta necessidade instituída do *ethos*¹⁶.

Para Lima Vaz, tradição e razão serão os dois polos em que oscilará o destino do *ethos* na história das sociedades ocidentais, tendo como ato paradigmático à querela entre Sócrates e os Sofistas¹⁷ a respeito do ensinamento das virtudes e que, de resto, será resolvido por Aristóteles¹⁸ com a distinção entre virtudes éticas e virtudes dianoéticas.

¹⁴ A relação entre *ethos* e tradição e sua importância para a compreensão da ética em Lima Vaz, encontra eco, segundo minha avaliação, no pensamento ético de Alasdair MacIntyre. Com efeito, para MacIntyre a tradição também não é algo como que repassado estaticamente através das gerações, que se manifesta imutavelmente na vida social e cultural das comunidades. A tradição é como que portadora de uma dinâmica interna, na qual o conflito ético e de interesses tem um lugar necessário na sua constituição. Dirá MacIntyre: "desenvolvida ao longo do tempo, na qual certos acordos fundamentais são definidos e redefinidos em termos de dois tipos de conflitos: os conflitos com críticos e inimigos externos à tradição que rejeitam todos ou pelo menos partes essenciais dos acordos fundamentais, e os debates internos, interpretativos, através dos quais o significado e a razão dos acordos fundamentais são expressos e por cujos progressos uma tradição é constituída". MACINTYRE, A. *Justiça de quem? Qual racionalidade?*. São Paulo: Loyola, 1991, p.23.

¹⁵ LIMA VAZ, H.C. *Escritos de Filosofia IV: Introdução à Ética filosófica I*, p.40.

¹⁶ A significação de tradição é a de "entrega ou transmissão de uma riqueza simbólica que as gerações passam uma à outra" - LIMA VAZ, H.C. *Escritos de Filosofia IV: Introdução à Ética filosófica I*, p.17. É nesta significação que Lima Vaz vai buscar a importância da tradição na composição do *ethos*.

¹⁷ *Ibid.*, p.93-109.

¹⁸ LIMA VAZ, H.C. *Escritos de Filosofia II: Ética e cultura*, p.103-117. LIMA VAZ, H.C. *Escritos de Filosofia IV: Introdução à Ética filosófica I*, p.109-127.

Pela importância da tradição na estruturação do *ethos*, não tem sentido falar de um *ethos* estritamente individual. A tradicionalidade ou o poder-ser transmitido é um constitutivo da essência do *ethos*, como mostrei anteriormente, ao analisar a relação dialética que se estabelece entre o *ethos* como costume e o *ethos* como hábito singularizado na prática ética do indivíduo. Como ensina Lima Vaz, “a perenidade do *ethos*, efetivada e atestada na tradição, tem em mira exatamente resgatar a existência efêmera e contingente do indivíduo empírico (tornando-o singular concreto) através de sua supressão na universalidade do *ethos* ou na continuidade da tradição ética”¹⁹. Entendida nessa sua essencialidade com relação ao *ethos*, a tradição é a relação intersubjetiva primeira na esfera ética, ou seja, é a relação que se estabelece entre a comunidade educadora e o indivíduo que é educado justamente para se elevar ao nível das exigências do universal ou do *ethos* da comunidade.

Por fim, preciso esclarecer duas coisas. A primeira é que o tempo da tradição não pode ser um tempo puramente linear. Ele, necessariamente, participa da dialética do *ethos*. Enquanto o passado se faz presente pela tradição, o presente retorna ao passado pelo reconhecimento da sua exemplaridade. Em segundo lugar, a tradicionalidade do *ethos* não deve ser pensada em oposição à liberdade e autonomia do agente ético, não obstante o fato de que tal oposição se tenha constituído num dos traços mais salientes, na análise de Lima Vaz, do individualismo moderno²⁰. Comprovada a essencialidade da relação entre *ethos* e tradição e, por outro lado, sabendo da estrutura dialética circular do tempo da tradição ética, facilmente podemos detectar uma das causas da crise do *ethos* na moderna sociedade contemporânea. Para Lima Vaz, a crise está na dissolução das tradições éticas, e que tem como efeito primeiro e inevitável o niilismo ético generalizado que põe em risco o próprio futuro da civilização²¹.

¹⁹ LIMA VAZ, H.C. *Escritos de Filosofia II: Ética e cultura*, p.19.

²⁰ Id. *Escritos de Filosofia VII: Raízes da modernidade*. São Paulo: Loyola, 2002, p.15-16.

²¹ PERINE, M. Niilismo ético e filosofia, in: PERINE, M. (org). *Diálogos com a cultura contemporânea*. São Paulo: Loyola, 2003, p.157-164.

3. *ETHOS*, EDUCAÇÃO E INDIVÍDUO.

Ampliando a compreensão é agora momento de relacionar, dialeticamente, *ethos*, educação e indivíduo. Começo repetindo que o *ethos* se apresenta para nós como costumes e hábitos. Ora, sabendo que o *ethos* como costume será assegurado pela tradição, o *ethos* como hábito deverá, então, ser assegurado, no indivíduo, pela educação:

*do ponto de vista de sua efetiva realização social, o costume como tradição é universal abstrato que se particulariza continuamente nas infinitas situações através das quais transcorre a vida dos indivíduos, e que encontra sua singularidade efetiva na práxis concreta na qual determinado indivíduo realiza ou recusa os valores do costume recebidos pela educação*²².

Assim, é possível postular que a educação ética visa uma profunda e importante transformação interior do indivíduo ético, no cerne de sua consciência individual, dos interesses particulares e contingentes em interesses racionais. Uma ética tende a tornar-se empobrecida e fragmentada na exata proporção em que é negligenciado o fato fundamental, a saber, que o domínio dos valores éticos não se esgota na importância estratégica ou na relevância utilitária de um determinado somatório de normas exteriores. Uma ética será uma totalidade estruturada que compreenderá princípios, valores e fins para a existência do ser humano. Ela será apreendida, primeiramente pela tradição e pelos indivíduos que a fazem viver, e posteriormente pela educação ética que se apresentará na forma de uma racionalidade filosófica, ou seja, na forma de um “discurso racionalmente ordenado das razões normativas, axiológicas e teleológicas presentes no mundo da vida”²³.

Como argumentei, não existe um *ethos* individual, mas todo *ethos* possui uma estrutura dual que compreende uma dimensão social e individual.

²² LIMA VAZ, H.C. *Escritos de Filosofia IV: Introdução à Ética filosófica I*, p.42.

²³ Id. *Ética e razão moderna*, p.70.

Ao tratar da tradição ética e da educação ética, acentuei mais o aspecto da sociabilidade do *ethos*, vale ressaltar agora seu aspecto individual.

O *ethos* se faz presente na vida do indivíduo na forma de costumes. Agora é preciso esclarecer, a título de evitar confusões, que para Lima Vaz, o *ethos* não se apresenta em face do indivíduo segundo a razão de uma anterioridade cronológica, ou seja, vindo depois de constituído o *ethos*, o indivíduo seria por ele precedido e, portanto, determinado. Nem segundo a razão de uma exterioridade social, na qual o indivíduo, vindo à existência no seio do *ethos* já socialmente instituído (costumes) seria por ele envolvido e extrinsecamente condicionado. Também, não atenderia a relação entre *ethos* e indivíduo pensá-la segundo uma anterioridade logicamente linear da causalidade eficiente, na qual o indivíduo seria produzido pelo *ethos* como o efeito pela causa.

É possível perceber que a relação entre *ethos* e indivíduo só pode ser uma relação dialética. Relação esta onde “a universalidade abstrata do *ethos* como costume é negada pelo evento da liberdade na práxis individual e encontra aí o caminho da sua concreta realização histórica no *ethos* como hábito ou como virtude”²⁴. Assim, “a liberdade não é exterior ao *ethos* e o *ethos* não é exterior ao indivíduo”²⁵. Não estando o indivíduo submetido a formas de determinismos, posso concluir que o movimento imanente ao *ethos*, através do qual ele passa da universalidade do costume à singularidade da ação eticamente boa traz, conseqüentemente, inscrita na sua própria natureza, além da possibilidade da ação eticamente má, a virtualidade de uma situação que pode ser caracterizada como conflito ético.

Aqui é importante esclarecer que, segundo Lima Vaz, o conflito ético: (1) Não é o niilismo ético, ou seja, a negação do *ethos*; (2) não é uma ação eticamente má, ou seja, uma recusa da normatividade do *ethos*; (3) não é uma falta ética que seria uma ruptura no processo de interiorização do

²⁴ LIMA VAZ, H.C. *Escritos de Filosofia II: Ética e cultura*, p.29.

²⁵ *Ibid.*, p.29.

ethos como costume no *ethos* como hábito. O conflito ético é, propriamente, um “fenômeno constitutivo do *ethos* que abriga em si a indeterminação característica da liberdade”²⁶. Ele não é uma eventualidade acidental, mas, é um componente estrutural da historicidade do *ethos* em permanente e renovada interação com novas situações e novos desafios que se apresentam ao longo do caminho da sociedade humana. É, por exemplo, o próprio indivíduo ético que pode, ao longo de sua vida, se fazer intérprete, em alguns momentos, de novas e mais profundas exigências do *ethos*.

Do que foi dito, ocorre que somente uma personalidade ética excepcional é capaz de viver o conflito ético nas suas implicações mais radicais²⁷. Vivendo o conflito, torna-se anunciadora de novos e mais profundos paradigmas éticos. Aproximar o conflito ético da atitude sistematicamente contestatória ou de revolta contra os valores seria uma forma muito superficial e errônea de entender o conflito ético. O conflito ético é, fundamentalmente, um conflito de valores e não uma simples revolta do indivíduo contra a lei. Por isso, Lima Vaz considera como a mais profunda revolução moral da história, onde acontece um verdadeiro conflito ético, a ética evangélica do amor. É na ética evangélica que, a partir dos limites reconhecidos e aceitos de uma liberdade situada,

*o conflito ético coloca o indivíduo em face do apelo que surge de exigências mais profundas e aparentemente paradoxais do ethos: o apelo a sacrificar o calmo dos limites e a segurança protetora das formas tradicionais desse mesmo ethos, e a lançar-se no risco de um novo e mais radical caminho de liberdade.*²⁸

4. O SABER ÉTICO

Depois de analisar como se apresenta, nos seus diversos aspectos, o *ethos*, vou agora dar um passo adiante e tentar compreender como o *ethos* se estrutura na forma de um saber racional. Desta forma, estarei buscando

²⁶ Ibid., p.30.

²⁷ JASPERS, K. *Os mestres da humanidade: Sócrates, Buda, Confúcio, Jesus*. Coimbra: Almedina, 2003.

²⁸ LIMA VAZ, H.C. *Escritos de Filosofia II: Ética e cultura*, p.34.

os invariantes conceituais²⁹ que possibilitaram a construção da ciência do *ethos*, designada desde seus princípios por Ética.

Uma das características mais originais da práxis humana³⁰ é, sem dúvida, o fato de que o homem não opera senão a partir do prévio conhecimento do objeto do seu operar. Esse “conhecimento não é uma simples representação como pode ocorrer na fantasia animal, mas é um processo de assimilação ativa do real que torna possível uma atitude crítica ou judicativa do cognoscente em face do objeto conhecido”³¹. O conhecimento humano, acumulado qualitativamente e organizado numa rede de relações abstratas e em séries classificatórias assume a forma de um saber³². Saber este que, desde as origens do fenômeno humano sobre a face da terra, foi efetivando-se das mais diferentes formas, como na linguagem, na pintura, na fabricação de objetos, etc. É este mesmo saber que se constituirá numa das características fundamentais do ser humano, a ponto de Aristóteles dizer que: “Todos os homens têm, por natureza, desejo de conhecer”³³.

O tópico que estou elucidando, as categorias fundamentais de uma ciência do *ethos*, apresentou-se desde suas origens na forma de um saber ético. Isto é, dentre as formas de saber, o saber ético apresentou-se com características inconfundíveis. Quando faço referência ao saber ético, quero me referir a uma propriedade fundamental do *ethos* que é universal e já

²⁹ LIMA VAZ, H.C. *Escritos de Filosofia IV: Introdução à Ética filosófica I*, p.82. Diz Lima Vaz: “Trata-se da evidência de que a continuidade dos mesmos problemas, dando origem aos mesmos invariantes conceituais em ordem ao seu equacionamento e [à sua] eventual solução, pressupõe uma invariância mais fundamental, qual seja, a da mesma natureza humana, confrontada ao longo fluir do tempo com questões e desafios que se dirigem às suas próprias razões de ser e de viver. Não obstante as imensas transformações nos campos social, político, cultural, científico e tecnológico experimentadas pela humanidade ocidental nesses vinte e cinco séculos que nos separam dos começos da Ética, que poderá dizer que não são as mesmas exigências profundas de nossa natureza a se manifestar na interrogação socrática: como devemos viver?, na pergunta kantiana de vinte e três séculos depois: o que devo fazer?, e nos questionamentos éticos que percorrem em todos os sentidos esse nosso inquieto fim de milênio?”.

³⁰ Id. *Práxis. Enciclopédia Luso-brasileira de cultura*. Lisboa: Editorial Verbo, v.15, 1973, p.951.

³¹ Id. *Escritos de Filosofia IV: Introdução à Ética filosófica I*, p.45.

³² J. B. Libanio distingue: (1) saber como ter conhecimentos e (2) saber como pensar. O saber enquanto ter conhecimentos se vincula com a comunicação, a expressão do sabido. Mas, enquanto pensar, compreendendo o pensar como orientado por uma finalidade, o saber se vincula com a transmissão própria das tradições e culturas. LIBANIO, J. B. *A arte de formar-se*. 7ª edição. São Paulo: Loyola, 2014, p.33-41.

³³ ARISTÓTELES, *Metafísica I*, 1, 980a 20. São Paulo: Loyola, 2005.

está presente desde as primeiras aparições históricas dos grupos humanos. Evidentemente, não vou buscar aqui os primórdios possíveis deste saber, correndo o risco de me afundar no mistério das origens. Mas, será tarefa dos filósofos investigar a natureza do saber ético e enumerar suas formas principais. Nesta tarefa, levar em consideração a

*configuração elementar do campo ético proposta na Fenomenologia do ethos, veremos que também o saber ético se organiza entre os polos de objetividade do ethos e da subjetividade da práxis, tendo como mediação o saber conservado e transmitido pela comunidade ou o saber que circula entre os indivíduos mediante as relações intersubjetivas*³⁴.

Ora, sendo o saber humano reflexivo, este saber deve, necessariamente, voltar-se para o sujeito. Ou melhor, a reflexão deverá ser dirigida intencionalmente para o conhecimento do recesso interior do ser humano, que é singular e intransferível, e que se estabelece numa forma de relação de responsabilidade para com a realização do *ethos*. Este recesso interior nós chamamos de consciência moral³⁵. Em outras palavras, a reflexão ou o voltar-se do saber para o sujeito, traduz-se na convocação: conhece-te a ti mesmo. Assim, a autorreflexividade é um dos aspectos do saber ético. Mas, esse conhecimento interior se desenvolve, e por isso se relaciona com a cultura em que o sujeito moral se encontra inserido. Na vida humana, autoconhecimento, cultura e *ethos* formam uma estrutura triangular. O *ethos* se difunde em todas as formas de cultura. Mas, antes de se especializar em determinadas tradições e especialmente numa forma canônica de saber cientificamente organizado que se denominará ética, o saber ético encontrará formas culturais de expressão e transmissão que serão as fontes primeiras da ética.

³⁴ LIMA VAZ, H.C. *Escritos de Filosofia IV: Introdução à Ética filosófica I*, p.47.

³⁵ Ao interpretar a gênese e formação da categoria de consciência moral Lima Vaz afirma que ela é: "A experiência de uma instância interior de julgamento pelo indivíduo dos seus próprios atos, simbolizada nas mais diversas formas culturais". LIMA VAZ, H. C. Crise e verdade da consciência moral. *Revista Síntese*. Belo Horizonte, n.83, 1998, p. 463.

Uma das principais fontes do saber ético é a religião³⁶. Ela é a mais antiga das fontes de transmissão do saber ético e, certamente, permanece até hoje como portadora importante de mensagens éticas. Vale lembrar que Lima Vaz entende, aqui, a religião como um “fenômeno cultural mais amplo, compreendendo as crenças, os ritos, as prescrições rituais, os interditos e as práticas regidas por normas próprias de conduta”³⁷. As relações entre *ethos* como fenômeno cultural específico e a expressão religiosa não são simples e comportam mesmo formas opostas que se manifestam na nossa tradição ocidental. Podemos classificar estas relações de duas formas. Por um lado, uma forma é positiva quando determinada maneira de agir ético mostra-se como uma consequência ou como resultado de uma determinada experiência religiosa, ou, também, de uma crença. Temos, assim, um saber ético de explícita motivação religiosa, expressão de um *ethos* e de uma moral inspirados na religião, como é o caso, por exemplo, da moral bíblica no Antigo e no Novo Testamento. Por outro lado, a forma é considerada negativa quando se configura como uma crítica do saber ético para com a religião. Mas, segundo Lima Vaz, é no clima filosófico da modernidade que a separação entre a ética e a religião é explicitamente proposta como autonomia da moral em face da religião (Kant); como distinção e independência dos domínios do sagrado e do ético (Schleiermacher); como distinção entre o estágio ético e o estágio religioso na existência (Kierkegaard) e como autonomia do valor ético face ao religioso (Max Scheler). Importante lembrar aqui que, para Lima Vaz, a prática religiosa mostra-se indiscutivelmente como criadora de formas éticas de vida. Algumas vezes, apresentando feições contrastantes na relação com o mundo. Ora criando um *ethos* da vontade de estruturação, organização e articulação do mundo como no Cristianismo e no Islamismo. Outras vezes, desenvolvendo e articulando um *ethos* de fuga, isolamento e desprezo do mundo como em algumas seitas cristãs.

³⁶ LIMA VAZ, H. C. Religião e modernidade filosófica. *Revista Síntese*. Belo Horizonte, n.53, p. 147-165, 1991.

³⁷ Id. *Escritos de Filosofia IV: Introdução à Ética filosófica I*, p.49-50.

Outra forma privilegiada de expressão do saber ético é designada, por Lima Vaz, como sabedoria da vida³⁸. A importância da sabedoria da vida como forma de saber ético para a futura constituição da ética vem do fato de que nela está condensada de forma magnífica a racionalidade, depurada ao longo dos tempos pela experiência humana, que “sobretudo nas culturas mais avançadas, tem o poder de conferir à conduta humana o predicado único de animal possuidor do *logos*, que é ao mesmo tempo razão e linguagem”³⁹. Daí que, a sabedoria da vida será transmitida nestas duas formas: razão e linguagem.

A Razão é aqui entendida como racionalidade prática ou razoabilidade e encontra uma expressão concreta na figura do sábio, exemplo por excelência de figura ética que aparece nos mais variados perfis em praticamente todas as tradições culturais. Este é um dos mais poderosos arquétipos do inconsciente coletivo e veículo provavelmente insubstituível da transmissão do *ethos*. Na modernidade, a figura do sábio foi colocada em segundo plano. Usurpado de sua alta função de conselheiro das coisas humanas, para usar uma expressão de Aristóteles, podemos ver sua imagem perseverando, de forma degenerada, na idolatria dos *stars* do espetáculo e dos esportes⁴⁰, por exemplo. E ainda, tragicamente, nas figuras sinistras de ditadores totalitários que marcaram e marcam a história da humanidade.

A Linguagem⁴¹ é a expressão privilegiada da sabedoria da vida para a transmissão e conservação do *ethos*. Ela é como que a memória ética das culturas⁴². Por um lado, pode também perder sua força de transmissão na medida em que, com a multiplicação das linguagens artificiais e a instrumentalização ideológica, progressivamente a memória ética que deveria ser transmitida pela linguagem de determinada tradição apaga-se da

³⁸ SCANNONE, J. C. *Sabiduría popular, símbolo y filosofía: diálogo internacional en torno de una interpretación latinoamericana*. Buenos Aires: Guadalupe, 1984. SCANNONE, J. C. *Discernimiento filosófico de la acción y pasión históricas: planteo para el mundo global desde América Latina*. Barcelona: Antropos, 2009.

³⁹ LIMA VAZ, H.C. *Escritos de Filosofia IV: Introdução à Ética filosófica I*, p.52.

⁴⁰ DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo: comentário sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

⁴¹ LIMA VAZ, H.C. *Escritos de Filosofia III: Filosofia e cultura*, p.177-190.

⁴² Ibid. p.178: “As teorias sobre a gênese das línguas são igualmente teorias sobre a gênese da cultura”.

memória cultural e passa a ser, algumas vezes, resquícios de um passado que todos querem esquecer. Por outro lado, a arte apresenta-se filosoficamente como linguagem de forte conteúdo simbólico, e fonte de expressão, e por vezes de formação, do saber ético da humanidade.

Após caminhar pelas veredas do pensamento de Lima Vaz, tem-se esclarecida a questão da formação do pensamento ético na cultura ocidental, ou seja, a ética se origina do saber ético. Saber ético de uma determinada tradição cultural. Tradição cultural que “numa conjuntura específica de crise do *ethos*, recebe uma nova expressão tida como capaz de conferir-lhe uma nova e mais eficaz força de persuasão, no momento em que suas expressões tradicionais, a religião e a sabedoria de vida, perdiam pouco a pouco a credibilidade”⁴³. Essa nova expressão, no contexto específico do nascimento da ética na Atenas do século V a.C., adotará uma nova forma de linguagem. A linguagem do *logos* demonstrativo ou da ciência, que se impunha como novo e triunfante referencial simbólico em função da qual pouco a pouco se reorganizava o próprio mundo da cultura. Por isso, para Lima Vaz: “se considerarmos que o *logos* demonstrativo, em sua expressão formal, virá a constituir o que se chama propriamente lógica, podemos dizer que a ética terá como estrutura fundamental à lógica explicitada e formalizada da linguagem do saber ético”⁴⁴.

Importante aqui é a conclusão a que chega Lima Vaz ao buscar compreender a natureza da ética. Ele esclarece que a ética, por sua própria finalidade de saber normativo e prescritivo do agir humano, é um saber antes vivido do que pensado nas inúmeras vicissitudes da vida humana. Este saber ético não pode de forma alguma se submeter ao sonho de um novo e radical começo. A humanidade não pode recomençar sua história a cada manhã e nem refazer continuamente os seus critérios de discernimento do bem e do mal, do certo e do errado, do justo e do injusto. Neste sentido, Lima Vaz dirá que a “experiência da modernidade,

⁴³ LIMA VAZ, H.C. *Escritos de Filosofia IV: Introdução à Ética filosófica I*, p.57.

⁴⁴ *Ibid.*, p.57.

onde circulam espectros de novas éticas que nunca conseguiram ter vida, é eloquentemente conclusiva”⁴⁵ desta impossibilidade de um novo e inédito começo. Portanto, para Lima Vaz, a transcrição do saber ético presente no *ethos* grego tradicional para os códigos do novo saber demonstrativo ou da nascente ciência, dá lugar a uma das mais fascinantes e importantes experiências intelectuais da história, a questão do nascimento da ética⁴⁶.

5. A QUESTÃO DO NASCIMENTO DA CIÊNCIA ÉTICA

A ciência nasceu na Jônia do século VI a.C., como ciência da natureza (*physis*), e foi a partir da natureza, observada na regularidade do seu vir-a-ser, que se foram formulando as primeiras regras de um discurso científico, bem como as regras da necessidade lógica, ligando o antecedente e o consequente, em homologia com a necessidade causal ligando a sucessão dos fenômenos⁴⁷. É aqui que vemos surgir o primeiro esboço de leis da natureza (ciência) em correspondência com as leis do discurso (lógica). Desta maneira, a entrada no domínio da razão demonstrativa representa, para a interpretação humana dos fenômenos naturais, uma revolução radical, a saber, o que era explicado pela particularidade dos mitos, passa a ser explicado segundo as exigências da universalidade da razão. Assim, a

*razão se mostra, por sua natureza, essencialmente universal, e seu uso só se torna possível se a particularidade do fenômeno for assumida na universalidade de uma categoria, de uma lei ou de um princípio, do qual parte o discurso demonstrativo*⁴⁸.

Como argumentei, a ciência que fará uso da razão para dar suas explicações é o domínio do universal e do necessário. Todas as tentativas de transcrição da linguagem do saber ético na linguagem do *logos* demonstrativo da ciência

⁴⁵ Ibid., p.58.

⁴⁶ LIMA VAZ, H.C. *Escritos de Filosofia VIII: Platonica*. São Paulo: Loyola, 2011: “Nas origens da ética: razão e destino”, p.131-140 e “Destino e liberdade: as origens da ética”, p.141-152.

⁴⁷ Id. *Escritos de Filosofia II: Ética e cultura*, p.182-194.

⁴⁸ Id. *Escritos de Filosofia IV: Introdução à Ética filosófica I*, p.58.

passam a constituir a experiência intelectual na qual surgirá a ética como ciência do *ethos*. Essa experiência terá diante de si o grande desafio teórico de pensar o *ethos* segundo o método e a linguagem da ciência. Sua principal questão será a de “como pensar o *ethos*, que é analogicamente a *physis* do mundo humano, segundo os padrões de universalidade e necessidade da *physis* do mundo dos fenômenos?”⁴⁹. Do desafio desta questão a ética encontrará dois grandes obstáculos. Primeiro, o *ethos* é, por definição, particular, ou seja, é o *ethos* de determinada cultura histórica. Em segundo lugar, o *ethos* é a forma da práxis concreta, que embora adquirindo pelo hábito certa constância e regularidade, procede da indeterminação prévia da livre escolha, que é irreduzível a qualquer determinismo lógico e natural. Então, “conciliar o universal e o particular, o necessário e o livre, tal é o primeiro desafio teórico que se oferece no caminho da criação de uma ciência do *ethos*”⁵⁰.

Disto segue que o grande problema será o da possibilidade de uma ciência do *ethos*. Ciência que, a partir da descoberta do paradigma racional, possa explicar, em termos universais, o *ethos* e a práxis ética. Ou seja, ir além, transcender a particularidade histórica das culturas e, ao mesmo tempo, admitir uma forma de necessidade racional compatível com a própria indeterminação básica da práxis. Portanto, se o domínio da universalidade é o domínio onde se formulam e vigoram, ao menos na concepção clássica, as leis da razão, leis às quais compete o predicado da necessidade, começam a emergir os dois polos em torno dos quais se desenrolará toda a história posterior da ética, a saber, lei e liberdade. O nascimento da ética se dará no clímax da história intelectual grega (séculos V e VI a.C.), onde serão propostos paradigmas que buscarão conciliar o universal (necessidade) e o particular (contingência), a lei e a liberdade, paradigmas que, para Lima Vaz, sob as mais diversas formas permanecem até hoje⁵¹.

⁴⁹ Ibid., p.59.

⁵⁰ LIMA VAZ, H.C. *Escritos de Filosofia IV: Introdução à Ética filosófica I*, p.60.

⁵¹ Os dois caminhos clássicos de interpretação deste desafio serão, para Lima Vaz, a ética aristotélica das virtudes e a ética deontológica de Kant. LIMA VAZ, H.C. *Escritos de Filosofia II: Ética e cultura*, p.70-71.

6. A ESTRUTURAÇÃO DO CAMPO ÉTICO

O desafio inicial enfrentado pela ética, pela nascente ciência do *ethos*, foi o de ter que definir a natureza de um saber racional do *ethos*. Para Lima Vaz, o desafio se configura da seguinte maneira:

*uma explicação e justificação racional dos costumes que formulem igualmente as leis ou normas a que deve obedecer o agir razoável e sensato segundo o ethos, parece incompatível com os dois procedimentos fundamentais do conhecimento científico, uma vez que nem a observação dos costumes mostra a regularidade causal dos fenômenos da natureza, nem, portanto, a lógica que traduz discursivamente essa regularidade pode ser aplicada à ordem dos costumes*⁵².

Desta forma, a ética deverá definir sua natureza como um saber distinto. Deverá elevar ao nível do *logos* da ciência, que é por natureza metódico e demonstrativo, a racionalidade implícita do *ethos*. De fato, como nos apresenta Lima Vaz, a história mostra que no cumprimento desta tarefa inicial de uma ciência do *ethos*, a ética foi atraída por dois modelos: ora propondo-se como ética científica, ora como simples técnica do agir segundo convenções sociais. Mas, ainda segundo Lima Vaz, o caminho próprio de uma ciência do *ethos*, pressupõe que a ética proceda como um saber de natureza filosófica⁵³. Saber esse que define como seu objeto formal a práxis ética, com suas características originais e irreduzíveis a qualquer outro tipo de fenômeno da natureza. Como todo o caminho até aqui percorrido é propriamente filosófico, ou seja, é trilhado na busca dos invariantes conceptuais presentes no *ethos* e nas suas manifestações, trata-se agora de definir o objeto da ética, a saber, a práxis ética.

Lima Vaz, para definir o objeto da ética, parte da definição de Tomás de Aquino ao comentar Aristóteles onde ele define que “O sujeito (= objeto)

⁵² LIMA VAZ, H.C. *Escritos de Filosofia IV: Introdução à Ética filosófica I*, p.67.

⁵³ RIBEIRO, E. Filosofia para pensar e viver. *Cultura e Fé - Revista de humanidades*. Belo Horizonte, n.144, p.59-67, 2014.

da filosofia moral é a operação humana ordenada a um fim ou então o homem enquanto age voluntariamente em vista de um fim”⁵⁴. Temos o objeto da ética identificado por dois pontos: a operação (práxis) humana e sua ordenação a um fim. Desta definição do objeto da ética surgem duas questões: (1) qual a natureza da práxis que a distingue de outras formas da atividade humana e (2) qual a natureza da relação constitutiva entre práxis e fim, que torna a práxis uma práxis ética ou um agir moral? As respostas para estas duas questões levarão a elementos consistentes para abordar a pergunta socrática que está na raiz mesma do saber ético, a saber, “como devemos viver de acordo com nossa natureza de seres racionais e livres?”⁵⁵.

Na resposta à primeira questão, sobre a natureza da práxis, Lima Vaz conduzirá sua reflexão de acordo com a analogia que existe entre práxis e *techne*. Isto porque ambas são modos de operar humano, dirigidos intencionalmente para a produção de uma obra (*ergo*) e obedecendo a regras ou normas; seja da ação no caso da práxis, seja da fabricação no caso da *techne*. Também, ambas regem-se por modelos de racionalidade teleológica. Mas, logo de início, esta analogia demonstrou-se deficiente em razão de diferenças essenciais.

A questão é que o “finalismo da práxis é voltado para a perfeição do sujeito operante”⁵⁶, enquanto, o “finalismo da *techne* para a perfeição da obra a ser produzida”⁵⁷. A bem da verdade, os dois finalismos estão entrelaçados na unidade complexa do operar humano que envolve sempre o homem todo, ou seja, uma intenção moral deve também estar presente no trabalho do artesão, bem como, a intenção do agente moral deve levar em conta as condições objetivas da realidade na qual sua ação irá exercer-se. A nossa questão, propriamente, é que na “práxis a perfeição ou a realização do melhor, que é o fim do agente moral, é, em primeiro lugar, a perfeição do

⁵⁴ LIMA VAZ, H.C. *Escritos de Filosofia IV: Introdução à Ética filosófica I*, p.68.

⁵⁵ *Ibid.*, p.68.

⁵⁶ *Ibid.*, p.69.

⁵⁷ *Ibid.*

próprio agente”⁵⁸. Sua ação tem um fim em si mesma. É um movimento que se completa na imanência (in-manere: permanecer em...) do sujeito que a causa. Já na *techne*, “a perfeição é a perfeição da obra produzida”⁵⁹. O ato de produzir é um movimento que se completa na exterioridade do produto, é um movimento transiente (trans-ire: passar além...). Consequentemente, temos dois modos distintos de operar humano: o ético e o técnico. Para Lima Vaz, na cultura contemporânea, “o enfraquecimento ou mesmo o desaparecimento dessa distinção (...) significa, finalmente, a perda da especificidade ética de nossas ações e a tirania do produzir nas relações humanas”⁶⁰.

Na resposta à segunda questão sobre a relação entre práxis e fim, a descoberta da noção de fim (*telos*) representou um passo decisivo para a constituição inicial de uma ciência do *ethos*. Este passo decisivo para a construção do pensamento teleológico encontramos no *Fédon* de Platão⁶¹. Neste diálogo, Platão apresenta a “natureza teleológica do agir humano consequente ao estabelecimento da relação constitutiva da alma (*psyche*) com as ideias (*eide*)”⁶². Admitindo as análises de Platão, a alma⁶³, movida teleologicamente por sua congenialidade com as ideias, só pode ter como fim verdadeiro o melhor, ou seja, o bem. Todo problema posterior de desenvolvimento do pensamento ético em sua face objetiva terá como problema fundamental estabelecer qual é, propriamente, o fim último, isto é, o bem supremo do ser humano. Estabelecido este bem supremo, estabelecer a partir dele, uma hierarquia de bens que irá guiar o ser humano no caminho de seu autoconhecimento, seu viver bem, sua felicidade. Importante aqui é fazer o esclarecimento de que, aos olhos da razão, o bem, sendo o melhor, necessariamente obriga o indivíduo que age racionalmente. Assim, essa

⁵⁸ LIMA VAZ, H.C. *Escritos de Filosofia IV: Introdução à Ética filosófica I*, p. 70.

⁵⁹ *Ibid.*, p.70.

⁶⁰ *Ibid.*, p.70.

⁶¹ Ver o artigo: Nas origens do realismo: a teoria da ideias no *Fédon* de Platão, in: LIMA VAZ, H.C. *Escritos de Filosofia VIII: Platônica*, p.69-84.

⁶² LIMA VAZ, H.C. *Escritos de Filosofia IV: Introdução à Ética filosófica I*, p.72

⁶³ CARDOSO, D. *A alma como centro do filosofar de Platão*. São Paulo: Loyola, 2006.

necessidade moral é uma lei interior que não se opõe à liberdade, mas, é na relação constitutiva com o bem que a liberdade se realiza na sua verdade como liberdade moral⁶⁴.

Para Lima Vaz, “um terceiro aspecto fundamental que se manifesta na teleologia da práxis ética é o desdobramento da noção de fim em suas duas dimensões de imanência e transcendência”⁶⁵. Com isso Lima Vaz quer ressaltar que, se o agir ético é um ato que tem em si mesmo sua razão de ser, ele é necessariamente a si mesmo seu próprio fim, pelo qual se realiza progressivamente, pela repetição dos atos nos hábitos, a perfeição do sujeito. O fim imanente do ato refere-se, necessariamente, à norma de um fim transcendente segundo o qual mede a perfeição imanente do ato.

Das análises apresentadas até agora, concluo que o objeto formal da ética deve necessariamente apresentar dois aspectos fundamentais: aspecto estrutural e aspecto teleológico-normativo. Por aspecto estrutural entendo que a ética tem por objeto a estrutura da práxis ou do agir humano, como foi esclarecido, em sua especificidade de agir em consonância com o *ethos*. As relações entre *ethos* e práxis prolongam-se na constância e na continuidade da práxis, dando origem no indivíduo à forma do hábito ou da virtude, “permitindo a convivência dos indivíduos na esfera da moralidade e tornando assim possível a formação da comunidade ética”⁶⁶. Por aspecto teleológico-normativo, entendo que a práxis que tem como objeto a ética mostra-se, necessariamente, ordenada a um sistema de fins e submetida a um sistema de normas que constituem o conteúdo objetivo do *ethos*, ao qual o indivíduo e a comunidade se referem. Portanto, a ciência do *ethos* será uma reflexão explícita e sistemática do sujeito ético e uma ciência da ação.

⁶⁴ Ver o capítulo: Liberdade e Absoluto, in: LIMA VAZ, H.C. *Escritos de Filosofia VIII: Raízes da modernidade*, p.117-128.

⁶⁵ LIMA VAZ, H.C. *Escritos de Filosofia IV: Introdução à Ética filosófica I*, p.73.

⁶⁶ *Ibid.*, p.74.

7. CONCLUINDO: A ESTRUTURA DA CIÊNCIA DO *ETHOS*

Nesta altura da exposição fica mais clara a questão da estrutura da ciência do *ethos*. Essa ciência deverá repousar sobre a estrutura da lógica fundamental que expõe a relação entre *ethos* e práxis como movimento dialético de autodeterminação do universal. Argumentando de outra maneira, como passagem logicamente articulada do *ethos* como costume à ação ética, pela mediação do *ethos* como hábito. Como esclarece Lima Vaz, “o universal abstrato do *ethos* se autodetermina como universal concreto da práxis nesse movimento circular característico da realização da liberdade que a descrição fenomenológica identificou no conteúdo semântico da linguagem do *ethos*”⁶⁷. Assim, a estrutura da ciência do *ethos* é a estrutura do espaço lógico no qual as dimensões do sujeito ético, da comunidade ética e do mundo ético objetivo determinam a singularidade da ação ética. Desenvolvendo nas suas grandes linhas, a estrutura da ciência do *ethos*, na concepção de Lima Vaz, apresenta-se assim:

- (1) O sujeito ético é o universal que se autodetermina em ordem da práxis, e se manifesta como conhecimento e liberdade na sua interrelação dialética. Ele se particulariza como deliberação e escolha; e se singulariza, ou se determina, como universal concreto na consciência moral.
- (2) Na comunidade ética, o universal se constitui como reconhecimento e consenso⁶⁸. Particulariza-se no *ethos* histórico ou na tradição ética como espaço de participação e de comunicação (educação ética). E, se singulariza na consciência moral social que é universal concreto da existência da comunidade ética⁶⁹.
- (3) No mundo ético objetivo ou no universo simbólico do *ethos*, que para Lima Vaz existe efetivamente no *medium* da linguagem como

⁶⁷ LIMA VAZ, H.C. *Escritos de Filosofia II: Ética e cultura*, p.75.

⁶⁸ RIBEIRO, E. *Reconhecimento ético e virtudes* (Coleção Estudos Vazianos). São Paulo, Loyola, 2012.

⁶⁹ SOUSA, M. C. *Comunidade ética: sobre os princípios ontológicos da vida social em Henrique Cláudio de Lima Vaz* (Coleção Estudos Vazianos). São Paulo: Loyola, 2014.

estrutura ou sistema⁷⁰, o universal se manifesta na interrelação dialética do fim (conhecimento) e do bem (liberdade), constituindo o princípio universal do agir ético. Ele se particulariza no *ethos* histórico ou na tradição ética como universo simbólico de representações e valores (cultura ética). Singulariza-se como expressão normativa (normas, leis, direito): é esse o universal concreto do mundo ético que existe efetivamente, segundo Lima Vaz, no mundo político⁷¹.

Esquemáticamente temos⁷²:

Universal Abstrato		
Sujeito Conhecimento - Liberdade	Comunidade Reconhecimento - Consenso	Mundo Ético Fim - Bem
Particular		
Sujeito Deliberação - Escolha	Comunidade Educação ética - Participação	Mundo Ético Tradição – Cultura ética
Singular		
Universal Concreto		
Sujeito Consciência moral	Comunidade Consciência moral social	Mundo Ético Normas, Leis, Direito
Existência Ética		
Organismo das virtudes		

⁷⁰ AQUINO, M. Metafísica da subjetividade e linguagem I. *Revista Síntese*. Belo Horizonte, n.61, p.199-218,1993. Id. Metafísica da subjetividade e linguagem II. *Revista Síntese*. Belo Horizonte, n.67, p.495-528, 1994. Id. Metafísica da subjetividade e linguagem III. *Revista Síntese*. Belo Horizonte, n.71, p.453-488, 1995.

⁷¹ PERINE, M. Democracia e filosofia do agir humano - observações sob uma luminosidade que permite a visão, in: MAC DOWELL, J. (Org.). *Saber filosófico, história e transcendência*. São Paulo: Loyola, p.317-332, 2002.

⁷² LIMA VAZ, H.C. *Escritos de Filosofia II: Ética e cultura*, p.77.

Para Lima Vaz, fenomenologia da estrutura conceptual básica da ciência do *ethos*, como foi explicitada até aqui, é a própria explicitação da ideia de liberdade assim como ela se manifesta historicamente. Desta forma, a ideia de liberdade é o núcleo inteligível do *ethos*. Embora ela tenha a sua figura histórica na liberdade de um ser que é finito, ela não pode ser pensável senão no movimento infinito da sua autodeterminação, ou seja, como universal que se autodetermina. Portanto, é "esse o fundamento conceptual último de uma ciência do *ethos*. A descoberta desse fundamento constitui um evento histórico-especulativo principal (no sentido de *arqué* ou princípio explicativo de uma civilização) na história do ocidente. Ele designa, em suma, a transcrição teórica da experiência grega da liberdade no momento em que conflitos sociais, políticos e culturais rompem a bela unidade do *ethos* e põem à mostra o seu núcleo: quando a individualidade livre emerge da ruptura da eticidade substancial, o *ethos* vê esvaír-se sua força unificadora e ordenadora: nasce a Ética"⁷³.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, M. Metafísica da subjetividade e linguagem I. *Revista Síntese*. Belo Horizonte, n.61, p.199-218, 1993.

_____. Metafísica da subjetividade e linguagem II. *Revista Síntese*. Belo Horizonte, n.67, p.495-528, 1994.

_____. Metafísica da subjetividade e linguagem III. *Revista Síntese*. Belo Horizonte, n.71, p.453-488, 1995.

ARISTÓTELES, *Metafísica* I, 1, 980a 20. São Paulo, Loyola, 2005.

CARDOSO, D. *A alma como centro do filosofar de Platão*. São Paulo: Loyola, 2006.

DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo: comentário sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

JASPERS, K. *Os mestres da humanidade: Sócrates, Buda, Confúcio, Jesus*. Coimbra: Almedina, 2003.

⁷³ LIMA VAZ, H.C. *Escritos de Filosofia II: Ética e cultura*, p.78.

LIBANIO, J. B. *A arte de formar-se*. 7ª edição. São Paulo: Loyola, 2014.

LIMA VAZ, H. C. *Práxis. Enciclopédia Luso-brasileira de cultura*. Lisboa: Editorial Verbo, v.15, 1973.

_____. *Religião e modernidade filosófica. Revista Síntese*. Belo Horizonte, n.53, p. 147-165, 1991.

_____. *Escritos de Filosofia II: Ética e cultura*. São Paulo: Loyola, 1992.

_____. *Ética e razão moderna. Revista Síntese*. Belo Horizonte, n.68, 1995.

_____. *Crise e verdade da consciência moral. Revista Síntese*. Belo Horizonte, n.83, 1998.

_____. *Escritos de Filosofia IV: Introdução à Ética filosófica I*. São Paulo: Loyola, 1999.

_____. *Experiência mística e filosofia na tradição ocidental*. São Paulo: Loyola, 2000.

_____. *Escritos de Filosofia V: Introdução à Ética filosófica II*. São Paulo: Loyola, 2000.

_____. *Escritos de Filosofia VII: Raízes da modernidade*. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. *Escritos de Filosofia VIII: Platônica*. São Paulo: Loyola, 2011.

MAC DOWELL, J. O pensamento de Padre Lima Vaz no contexto da filosofia contemporânea no Brasil. *Revista Portuguesa de Filosofia*. Braga, p.231-245, 2011.

MACINTYRE, A. *Justiça de quem? Qual racionalidade?* São Paulo: Loyola, 1991.

OLIVEIRA, C. M. *Metafísica e ética: a filosofia da pessoa em Lima Vaz como resposta ao niilismo contemporâneo* (Coleção Estudos Vazianos). São Paulo: Loyola, 2013.

PERINE, M. Democracia e filosofia do agir humano - observações sob uma luminosidade que permite a visão, in: MAC DOWELL, J. (Org.). *Saber filosófico, história e transcendência*. São Paulo: Loyola, 2002, p.317-332.

_____. *Niilismo ético e filosofia*, in: PERINE, M. (org). *Diálogos com a cultura contemporânea*. São Paulo: Loyola, 2003, p.157-164.

RICOEUR, P. *Em torno do político*. São Paulo: Loyola, 1995.

RIBEIRO, E. P. Henrique Cláudio de Lima Vaz S.J. - Uma vita al servizio del pensiero. *La Civiltà Cattolica*. Roma, q.3900, p.577-586, 15 dicembre 2012.

_____. *Reconhecimento ético e virtudes* (Coleção Estudos Vazianos). São Paulo, Loyola, 2012.

_____. Filosofia para pensar e viver. *Cultura e Fé - Revista de humanidades*. Belo Horizonte, n.144, p.59-67, 2014.

SCANNONE, J. C. *Sabiduría popular, símbolo y filosofía: dialogo internacional en torno de una interpretación latinoamericana*. Buenos Aires: Guadalupe, 1984.

_____. *Discernimiento filosófico de la acción y pasión históricas: planteo para el mundo global desde América Latina*. Barcelona: Antropos, 2009.

SOUSA, M. C. *Comunidade ética: sobre os princípios ontológicos da vida social em Henrique Cláudio de Lima Vaz* (Coleção Estudos Vazianos). São Paulo: Loyola, 2014.